

VENCER A BATALHA DA EMANCIPAÇÃO

8/4/79

- Entrevista com membros do Secretariado Nacional da OMM

O Ano Internacional da Criança, a Campanha de Conservação de Casas e a Alfabetização figuram entre os temas debatidos durante um encontro com membros do Secretariado Nacional da OMM.

Fernanda Machungo, Flávia Gemo, Anabela Rodrigues e Rosária Inácio falaram da mulher moçambicana e da sua luta para vencer a batalha da emancipação.

«TEMPO» — *Quais foram as principais actividades da OMM desde 7 de Abril de 1978?*

FERNANDA MACHUNGO — No ano de 1978 — ano de estruturação do Partido — a OMM organizou a mulher em todos os sectores de actividades, nas residências, nas fábricas, nas aldeias comunais e nas cooperativas para poderem participar no processo de estruturação do Partido.

Outras realizações conheceram um certo avanço no ano de 1978 e neste ano de 1979 estão a ser consolidadas: nas aldeias comunais em que se procura mobilizar mulheres para a sua participação activa em todas as tarefas de construção da aldeia e de produção colectiva especificamente, na Campanha de Alfabetização.

Tivemos também a tarefa de conservação de casas. Mobilizaram-se mulheres no sentido de que em cada província se crie uma casa-modelo, através da qual as mulheres dos bairros, todos os residentes pudessem ver como se procede à conservação de uma casa. E temos a realçar que o ano de 1978 registou um grande aumento de movimento cooperativista, na medida em que também é uma das preocupações da OMM. Temos a experiência da Cooperativa «Emília Dausse, que é uma cooperativa de produção mais ligada ao sector de costura; a cooperativa de criação de pequenos animais no Infulene que, no ano passado, aquando do seu 1.º aniversário passou a ser chamada co-



Integrar a mulher na produção é uma das tarefas da OMM.

operativa de produção «A Luta Continua». Temos também uma cooperativa na província de Niasa também de costura e de artesanato. Podemos realçar aqui a importância desta cooperativa, na medida em que ela foi aberta com apoio quer financeiro quer de quadros da cooperativa Emília Dausse.

Também se fizeram em 1978

campanhas de trabalho voluntário em várias províncias. Por exemplo, foi feita apanha de coco na Zambézia, do algodão na província de Manica e corte de cana-de-açúcar em Sofala. Mulheres participaram em colheitas de milho, batata, gergelim e girassol. Na campanha de limpeza dos caçueiros. Na limpeza de estradas e de bairros, escolas e hospitais.

Também se deu ênfase particular à participação da mulher na alfabetização.

Também se conheceu certo avanço na questão de integração da mulher no desporto e mesmo na participação das mulheres no campo das actividades culturais. Sabemos do grande entusiasmo que houve no ano passado quando se realizou um campeonato de futebol com a participação das mulheres, que nunca tinham tomado parte em semelhante actividade desportiva. Para além desta, houve muitas iniciativas no sentido de a mulher participar em actividades desportivas em que não participava no tempo colonial.

Ainda em relação às tarefas fundamentais do ano passado, destacamos o início da campanha de admissão de membros para a

Organização. Na 4.ª Sessão do Comité Central do Partido Frelimo, em que se tomaram decisões muito importantes para todo o país, o Comité Central decidiu entregar também à OMM a sua bandeira.

Mais adiante referirei as actividades internacionais e as trocas de experiências com outras organizações de mulheres.

ANABELA RODRIGUES — A admissão de membros continua e foi estabelecida a meta de cinco mil membros a atingir por província até 7 de Abril deste ano. Tanto quanto conhecemos neste momento Cabo Delgado ultrapassou esse número e Gaza está em vias de ultrapassá-lo. Não temos informações muito seguras de outras províncias.

T — *Em relação à Campanha de Conservação de Casas: Qual a*

razão desta tarefa ser considerada fundamental e como tem decorrido até agora?

ANABELA RODRIGUES — A campanha de conservação de casas iniciou-se no ano passado e uma das tarefas foi precisamente a criação das casas-modelo. Nós estamos a dar ênfase a este trabalho não só ao nível da cidade mas também ao nível do campo, portanto ao nível das aldeias comunais. Em que contexto é que nós inserimos a importância desta campanha? Por um lado dentro das actuais condições da nossa sociedade, ainda são as mulheres aquelas que estão mais ligadas às casas; quer dizer a grande maioria das mulheres ainda são domésticas, se bem que nós incluímos na nossa mobilização a responsabilidade pela conserva-



A participação da mulher na defesa do país garante a consolidação da independência nacional e Revolução moçambicana



O engajamento da mulher na frente de produção é um dos passos para a sua libertação

ção das casas a toda a família. Por outro lado, porque esta tarefa contribui para a elevação do nível cultural do nosso povo para melhoria do bem-estar da família, melhoria social da população em geral. Estes os aspectos principais por que nós valorizamos bastante esse trabalho.

A campanha foi lançada em termos massivos, portanto como uma campanha de emulação, para valorizarmos as famílias que se integrassem neste trabalho, para valorizarmos também os bairros mais activos nesta tarefa. Até este momento a campanha terminou apenas em Maputo, nas outras províncias ainda continua a decorrer e da experiência que nós conhecemos, por exemplo, já de Maputo, soubemos que houve iniciativas interessantes quer no «caniço» quer no «cimento», em que as mulheres juntamente com as suas famílias, apoiando-se nos próprios meios, meios absolutamente locais, melhoraram as condições das suas casas e efectivamente aprenderam bastante a melhoria da conservação da casa em todos os aspectos. A campanha terminou já dentro das celebrações do 7 de Abril (no passado dia 31) com a distribuição das flâmulas às famílias e bairros mais organizados. A esta campanha nós vamos dar continuidade, agora dentro do contexto da organização das cidades e bairros comunais.

T — Há muito tempo que a OMM tem vindo a organizar cursos de alfabetização. Quais são as experiências e os resultados desses cursos?

FLÁVIA GEMO — A mulher tem participado em cursos de alfabetização desde 1975, em que foi chamada a participar, e em que tinha sido definida a alfabetização como uma das tarefas prioritárias. Ela respondeu, aderiu e participou activamente. Acontece que, em 1975, a participação da mulher na alfabetização não era organizada. Daí que nesse ano, e mesmo em 76 não

se poder saber em termos numéricos quantas foram alfabetizadas. A partir de fins de 1976 e sobretudo em 77 e 78, demos uma grande importância a esta iniciativa e tentámos fazer como que uma sequência para alfabetizarmos. Assim é que nós temos vindo a realizar cursos desde 1976 mais organizadamente. É assim também que nós nos integramos na Campanha Nacional de Alfabetização.

A nível do secretariado nacional, tentamos realizar cursos de alfabetização para acelerar a formação das responsáveis nacionais e provinciais e a nível de distrito, da OMM, enquanto que as províncias dirigem a sua atenção para as responsáveis de localidades, círculos e células. De Maputo, a nível nacional alfabetizámos já 141 responsáveis, 90 de Gaza, 12 de Inhambane, 41 de Manica, 9 de Sofala, 11 da Zambézia, 8 de Nampula, 12 do Niassa, 11 de Tete e 12 de Cabo Delgado. A OMM comprometeu-se perante as estruturas do Estado a alfabetizar três mil mulheres, 300 em cada uma das províncias, com particular importância para os membros responsáveis da organização. Brevemente irão partir brigadas para as províncias para recolha de dados a fim de sabermos se conseguimos cumprir devidamente o que nos comprometemos na campanha ou não.

T — Qual a participação da OMM no Ano Internacional da Criança?

FERNANDA MACHUNGO — Foi criado um Comité Nacional Preparatório do Ano Internacional da Criança, cujo patrono é o Ministro da Educação e Cultura e em que estão enquadradas as organizações democráticas de massas, entre elas a OMM. Portanto será tarefa da OMM realizar todas as tarefas que lhe foram definidas por este comité nacional, não só as tarefas específicas que a própria organização se propôs organizar este ano. Assim a OMM propôs-se dar apoio às creches, em particular nas aldeias comunais de forma a que exista em cada província uma creche-modelo. A criação de creches irá permitir a integração da mulher no trabalho mais eficazmente, na medida em que cuidar da criança é um dos grandes problemas que se põem à mulher. Vai proceder-se também à abertura de cooperativas de costura e melhorar as existentes, mas neste ano, especificamente, as cooperativas vão dedicar-se à confecção de roupa, bonecas de pano ou material local para as crianças pois sabemos que elas precisam de brincar. Os centros experimentais a que nos referimos inicialmente vão também fazer parte do programa para o Ano Internacional da Criança na medida em que os cursos que aí vão ser dados às camponesas cooperativistas irão permitir uma melhoria da vida das crianças, ao ensinar noções elementares de higiene, de protecção materno-infantil, de nutrição e cuidados educacionais. A par deste traba-



Na foto vemos da direita para a esquerda, Anabela Rodrigues — Responsável do Departamento de Informação, Fernanda Machungo — Responsável do Departamento de Relações Exteriores; Flávia Gemo — Responsável Adjunta do Departamento de Educação e Formação de Quadros; Rosária Inácio — Do Departamento de Assuntos Sociais

lho irão ser constituídas brigadas móveis da OMM que vão realizar um trabalho de divulgação sobre os direitos da criança, questões relacionadas com a higiene do meio com a protecção materno-infantil e nutrição para além de outros temas. O trabalho de conservação de casas também será muito importante na medida em que para além de mobilizar mulheres mobiliza também as crianças para conservação das suas casas que vão afinal criar as condições sociais necessárias para o seu desenvolvimento e crescimento adequado. Também pensamos realizar um trabalho de enquadramento e dedicarmo-nos mais ao problema das crianças abandonadas e marginais, em coordenação com as outras estruturas como os Ministérios da Educação, da Justiça e da Saúde. Iremos dar uma particular atenção às crianças do Zimbábue que se encontram nos campos de refugiados. É neste contexto que a OMM irá organizar brigadas que se deslocarão aos centros de refugiados a fim de efectuarem trocas de experiências e entrega de donativos.

T — Que problemas sociais se manifestam neste momento nas zonas rurais assim como nas zonas urbanas?

ROSÁRIA INÁCIO — Os problemas sociais que mais se manifestam neste momento nas cidades são principalmente com jovens que se corrompem tanto ao nível das escolas como fora delas. Engravidam menores e levantam uma série de problemas. Há também os problemas das mães solteiras, das separações e dos divórcios em que as crianças são as mais sacrificadas.

Podemos dizer que, neste momento, com o combate que a OMM tem desenvolvido o problema dos ritos de iniciação já diminuiu grandemente embora não esteja completamente resolvido. O mesmo acontece com a questão do lobolo.

As crianças abandonadas são um problema sério para a nossa



A OMM comprometeu-se perante as estruturas do Estado alfabetizar três mil mulheres, 300 em cada uma das províncias

sociedade. Tem sido feito um grande trabalho em coordenação com outras estruturas como o Ministério da Justiça, da Saúde, do Interior e a OJM no sentido de reintegrá-las na sociedade. Outros problemas tentamos resolver com o tribunal dos menores. Há mulheres que vão tomar parte nos julgamentos, fazem inquéritos. Ainda um aspecto que constitui preocupação da OMM é a preparação da Lei da Família. Temos feito reuniões e inquéritos no sentido de a mulher poder dar a sua contribuição para que essa lei venha a servir realmente os interesses da mulher. À terminar, a OMM tem dado colaboração juntamente com o Ministério da Saúde, na resolução de certos problemas relacionados com higiene, saúde nas creches. Existe a preocupação em criar creches onde as mães possam deixar as suas crianças mais seguras de modo a elas próprias poderem dar melhor contribuição na produção.

T — Os problemas da cidade são evidentemente diferentes dos problemas do campo. Gostaríamos que esclarecesse este ponto.

ROSÁRIA INÁCIO — Os problemas do campo são, principalmente e poligamia e o lobolo.

São os problemas que surgem com maior gravidade porque apesar do combate que se faz, há ainda bastante resistência. A própria mulher não está capaz de ver que é prejudicada pelo lobolo e pela poligamia. Na cidade o liberalismo, a corrupção sexual e gravidez com predominância em pessoas jovens e menores são os problemas mais predominantes.

FLÁVIA GEMO — Torna-se difícil falar-se de uma maneira definitiva nos problemas sociais que afectam a nossa sociedade e em particular a mulher, porque a OMM não pode dizer que os conhece ainda totalmente. Agora que preparamos a III Conferência da organização, estamos a fazer um esforço no sentido de recolhermos os dados e conhecer o tipo de problemas que se levantam e as diversas formas sob as quais se apresentam. Mas em relação ao problema da gravidez, focado há pouco pela camarada Rosária, gostaria de acrescentar que não condenamos a jovem, solteira, que aparece grávida, mas sim as condições em que a gravidez surge. Muitas vezes, nas escolas vemos menores que por terem engravidado sem qualquer objectivo param de estudar, não arranjam emprego e surge depois

uma criança em relação à qual o pai aliena as suas responsabilidades.

T — Como é que a OMM está a cumprir a palavra de ordem de integrar a mulher na produção?

FERNANDA MACHUNGO — Sendo essa uma das tarefas principais da OMM, definida na II Conferência e segundo a orientação dada pelo Camarada Presidente, todo o esforço está a ser feito nesse sentido. É por isso que a criação de cooperativas é uma das preocupações fundamentais da OMM. Cooperativas de vários tipos: criação de pequenas espécies de animais, costura, salinas, cooperativas de artesanato. Aí a mulher não só produz para o desenvolvimento da comunidade portanto da sociedade em que está inserida, como também para atingir a sua independência económica. Para além deste esforço que a própria organização desenvolve, a OMM tem vindo a contactar estruturas estatais, nomeadamente o Ministério do Trabalho, no sentido de a mulher participar em cursos de formação técnico profissional, por forma a permitir a sua melhor integração nos diversos sectores de actividade. Sabemos que o processo vai ser longo e é difícil na situação em que nos encontramos, em que o problema do desemprego é ainda agudo no nosso país. Portanto, pensamos que o processo das cooperativas, nesta fase, vai permitir-nos integrar maior número de mulheres em tarefas produtivas.

ANABELA RODRIGUES — Como resultado da mobilização por parte da OMM, começa-se já a ver os frutos, na sensibilização de certas estruturas no que respeita à necessidade de integração da mulher na produção. Há exemplos também aqui na machamba estatal de Umbelúzi, onde existem dez tractoristas e duas mulheres engajadas na manutenção de máquinas.

Na machamba estatal da Moamba, há uma mulher que já con-

duz um «caterpillar»: no Ministério dos Transportes, há duas mulheres cobradoras, e fomos informadas de que uma delas está a ser treinada como condutora de «ikarus». As próprias factoristas dos Caminhos de Ferro recém-formadas... Têm sido iniciativas por parte de certas estruturas que reflectem a sua sensibilização aos apelos e à mobilização levada a cabo pela OMM.

T — Há pessoas que criticam certo tipo de trabalho da OMM, nomeadamente a instalação de cooperativas de costureiras, cabeleireiras, etc. Qual é de facto a primazia dessas iniciativas no sentido de contribuirem para a emancipação da mulher moçambicana?

ANABELA RODRIGUES — Temos de facto conhecimento de observações desse género não só em relação às cooperativas de cabeleireiras, costureiras como inclusive em relação a tarefas que este ano foram definidas como prioritárias para a organização. Por exemplo a conservação de casas. Dizem: «É porque, enfim, as senhoras são sempre domésticas!». O Ano Internacional da Criança — «porque são mães, têm crianças» —. A alfabetização — «porque enfim é bom ensinar as mulheres a ler e a escrever».

Mas afinal porque é que nós consideramos essas tarefas realmente importantes? As cooperativas de costureiras e de cabeleireiras surgem para responder a determinados problemas elementares do dia-a-dia. É preciso vestir, é preciso pentear, aprender a higiene. Então o povo deve organizar-se para resolver os problemas que lhe dizem respeito. A nossa experiência também tem sido chamar as mulheres à organização, onde elas podem receber um trabalho político o que seria difícil se elas permanecessem desorganizadas. As mulheres engajam-se nesse trabalho e à medida que a cooperativa vai crescendo, têm possibilidades de passar a ter um subsídio, um salário, têm possibilidades de ad-



Brigadas móveis da OMM vão realizar um trabalho de divulgação sobre os direitos da criança, questões relacionadas com a higiene ao meio com a protecção materno-infantil e de nutrição

quirir uma certa independência económica. Portanto por um lado isso permite organizá-las num trabalho colectivo e através desse trabalho as mulheres adquirem uma visão nova da sua própria vida, do homem, da importância da sua própria integração no trabalho.

Por outro lado também isso dá uma contribuição para a organização da própria sociedade. Por exemplo, a roupa no país é muito cara e as nossas cooperativas de um modo geral são mais acessíveis à população, porque a roupa aí é mais barata. Também produzimos mais roupa para criança, que faz agora muita falta no mercado.

Sobre a conservação de casas, alfabetização e actividades do Ano Internacional da Criança é claro que são tarefas que têm mais importância do que

à primeira vista pode parecer. Temos a consciência de que estas tarefas, neste momento continuam muito ligadas à mulher, e que não seria lógico estarmos a insistir para que os homens, por exemplo fossem eles a tratar das crianças ou a conservar casas quando efectivamente são as mulheres que estão em condições de melhorar essas situações, melhorar o bem-estar dos filhos e da família, melhorar a sua situação social, a habitação. Quanto à alfabetização, não é só para ensinar a ler e a escrever. Ela ajuda a quebrar certos laços tradicionais. Por exemplo, a mulher sai de casa, vai à alfabetização, aprende coisas novas. De imediato ela chega a casa e tem necessidade de conversar, de estabelecer um diálogo com o marido, coisa que ela nunca fez na vida. Porque a alfabetização ensina toda uma série de coisas. Quer dizer é como dizem as próprias alfabetizadas: «tira-lhes o matope dos olhos» porque elas deixam de ver somente o bairro onde vivem para começarem inclusivamente a conhecer o país e a terem uma noção do que significa consciência nacional, unidade nacional.

Muitos dos nossos quadros de apoio à nossa organização vamos buscá-los a esses cursos de alfabetização, a essas cooperativas de costureiras: são elas que constituem, por vezes, as nossas brigadas de trabalho que vão para as aldeias comunais, que vão depois, por exemplo, fazer um trabalho de alfabetização.

FLÁVIA GEMO — Pensar que não é preciso pentear, não é preciso andar limpa é liberalismo...

FERNANDA MACHUNGO — É ainda uma análise incorrecta, a que tais pessoas fazem acerca do desenvolvimento do nosso processo e talvez uma tentativa de transferência mecânica de outros processos de outros países que efectivamente são processos diferentes do nosso. As condições reais do nosso povo são diferentes.

T — O que é que foi feito no campo da cooperação internacional?

FERNANDA MACHUNGO — Na medida em que a Organização se orienta pelos princípios do internacionalismo proletário, a OMM fez bastantes esforços no sentido de estreitar os laços de

amizade com organizações de mulheres de outros países, nomeadamente países africanos, sem falarmos, é claro, nos movimentos de libertação, com as mulheres dos países socialistas e com mulheres progressistas dos países capitalistas. Foi assim que recebemos uma delegação da RDA, da Federação das Mulheres deste país. Para o exterior, da OMM deslocou-se uma delegação da OMM para a República de Cuba, onde foi assinado um acordo de cooperação entre a OMM e a Federação da Mulher Cubana. O ano passado, foi também assinado um acordo de cooperação com a UNICEF que prevê o apoio aos centros experimentais a instalar em Nampula e Gaza e aos cursos de alfabetização e equipamento para o instituto nacional de formação da mulher

Contámos também com o apoio da OXFAM, do Canadá, que tem contribuído especificamente na construção da cooperativa de produção de pequenos animais «A Luta Continua», assim como os cursos de alfabetização.

De realçar a ajuda que nos foi dada pela Federação das Mulheres Social-Democratas da Suécia, no valor de três milhões e cem mil coroas que, para nós é bastante importante na medida em que irá permitir a criação de condições materiais para o funcionamento das estruturas da organização. Esse acordo prevê a abertura de dez centros provinciais de alfabetização, aquisição de material de informação e propaganda, assim como equipamento para as sedes provinciais da OMM, bem como dez viaturas para as mesmas sedes.

No sector da cooperação internacional gostaríamos de referir a participação da camarada secretária-geral numa das reuniões da organização pan-africana das mulheres em Madagáscar.

